

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Gabriele Bois Schutz

**MEMORIAL DE UMA PEDAGOGA BAILARINA: O CORPO POÉTICO NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS**

Porto Alegre
1. Semestre
2017

Gabriele Bois Schutz

**MEMORIAL DE UMA PEDAGOGABAILARINA: O CORPO POÉTICO NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Dulcimarta Lemos Lino

Porto Alegre
1. Semestre
2017

Gabriele Bois Schutz

**MEMORIAL DE UMA PEDAGOGA BAILARINA: O CORPO POÉTICO NO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado a Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Daniele Noal Gai- UFRGS

Elisabete Maria Garbin - UFRGS

Dulcimarta Lemos Lino- UFRGS

*A dança é uma ótima forma de demonstrar
as maravilhas que mente e corpo unidos à
música são capazes de realizar.
(Autor desconhecido)*

RESUMO

O objetivo da presente investigação é compreender como a experiência do corpo poético acontece no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Dentro de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de tipo exploratória, apoiado na análise documental das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (2016) e do Plano Político Pedagógico do Curso da UFRGS (2007) este trabalho coletou as narrativas discentes por meio de conversas-entrevistas do corpo poético presente na grade curricular dos sujeitos investigados. As conclusões demarcam a descontinuidade nos processos de aprender o corpo poético nos bancos universitários e destacam as disciplinas onde este trabalho foi considerado na experiência de constituição de narrativas dos estudantes.

Palavras-chave: Curso de Graduação em Pedagogia; Corpo Poético; Educação Artística.

ABSTRACT

The objective of the present investigation is to understand how the experience of the poetic body happens in the undergraduate course of pedagogy at UFRGS. Within a qualitative research in an exploratory study, supported by the documentary analysis of the national curricular guidelines of the pedagogy course (2016) and the political pedagogical plan of the course (2007) this work collected narratives through conversations-interviews of the poetic body present in the curriculum of the investigated subjects. The conclusions demarcate the discontinuity in the process of learning the poetic body at the University seats and highlights the disciplines where this work was considered in the experience constitution of the students narratives.

Keywords: Graduation course in pedagogy, Poetic body, Artistic Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. PRIMEIRO ATO: O CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA	8
2. SEGUNDO ATO : O CORPO POÉTICO	13
2.1 O corpo na escola	16
2.2. Dança na Escola: conteúdo curricular?.....	20
3. TERCEIRO ATO: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	25
4. QUARTO ATO: O CORPO POÉTICO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	40
Anexo 1- ENTREVISTAS: o corpo poético na Universidade	40
Anexo 2- Conversa-Entrevista 1.....	41
Anexo 3- Conversa-Entrevista 2.....	43
Anexo 4- Conversa-Entrevista 3.....	44
Anexo 5- Conversa-Entrevista 4	45
Anexo 6- Conversa-Entrevista 5	46
Anexo 7- Conversa-Entrevista 6	47
Anexo 8- Conversa-Entrevista 7.....	48

INTRODUÇÃO

Como uma apaixonada pela dança, na trajetória estudantil cursada na UFRGS sempre me interessei pela capacidade espontânea das crianças se movimentarem. Quanta destreza, rapidez, facilidade! Isso é dança? Expressão ou necessidade? No momento em que prestei estágio discente fui compreendendo que a reflexão sobre a corporeidade na escola, ainda parecia estar bastante articulada à inteligência como um gesto do corpo paralisado, sentado, à escuta. Assim, as escolas que conheci pareciam se esquecer do movimento do corpo como fundamento da ação cognitiva, instrumento por excelência da experiência poética. Agora como bailarina profissional, entendo que o movimento faz parte da capacidade de nos constituir humanos. Além disso, nos permite articular diferentes narrativas para conhecer e se apropriar do mundo, sempre em movimento.

Ao ingressar no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS pude empreender e articular uma multiplicidade de movimentos em torno do ato de educar e aprender. No entanto, as experiências práticas com o corpo poético tomadas através das diferentes disciplinas frequentadas acabaram ocupando um espaço pequeno na prática cotidiana discente. Será que essa pequena vivência, em espaços estanques, dispostos em alguns momentos, fechados em disciplinas específicas seriam suficientes para mobilizar a reflexão do corpo como uma ferramenta potencializadora de ensino e aprendizagem? Como ressignificar a ideia do corpo operante desconectado da visão disciplinadora e repressora de corpos aos quais muitas escolas ainda fundamentam seus métodos de ensino? Estamos realmente preparados para ao final do Curso de Graduação em Pedagogia trabalhar com a corporeidade de nossos alunos em sala de aula? Como nossos corpos aprendem a se movimentar na universidade na teoria e na prática? Todas essas perguntas emergem como interrogações norteadoras para o pensar reflexivo da presente investigação.

Assim, a presente investigação pretende identificar os tempos e espaços das práticas corporais vivenciadas pelas alunas do Curso de Graduação em Pedagogia na universidade. Por isso, partirá da análise do Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS e de documentos a ele relacionados e provocará os “referentes da ação docente” (GATTI, 2010). Através de conversas com os estudantes dos semestres finais do curso para coletar a fala dos estudantes nos bancos universitários.

Logo, o objetivo da presente pesquisa é investigar como as experiências do corpo poético emergem no cotidiano dos estudantes do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Para tanto, dentro de uma pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória,

analisaremos o tempo e o espaço desse conteúdo no Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS e realizaremos conversas com os estudantes para descrever as questões levantadas.

O primeiro capítulo intitulado Primeiro Ato: o Curso de Graduação em Pedagogia apresento o estudo detalhado realizado ao entrar em contato com as propostas das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Pedagogia (BRASIL, 2006) e do Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da UFRGS (2007) com a finalidade de identificar os tempos e espaços do corpo presente nesses documentos legais. Nesse capítulo reflito sobre as disposições integradoras entre as diferentes áreas, destacando, após análise dos documentos, as disciplinas, as emendas e as súmulas, bem como a carga horária dedicada ao aprofundamento do corpo poético presente no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS.

No Segundo Ato: Corpo Poético explicito a definição de corpo poético que considero interessante para articular o desejo de contemplar o corpo na formação dos estudantes do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Nesse segundo capítulo do trabalho, trago o destacado estudo investigativo de Richter (2005; 2015). Para sublinhar e definir o conceito de corpo tomado na presente investigação. Na parte dedicada à reflexão sobre o corpo na escola relaciono a noção sobre os discursos enquanto práticas organizadoras que se constituem na e através da linguagem, determinando um modo disciplinador dos corpos institucionalizados. Além disso, apresento a disciplina Dança na escola, aproximando as experiências legais conquistadas e interrogando-nos sobre os conteúdos curriculares tomados para sua efetivação.

O terceiro capítulo, nomeado Terceiro Ato: metodologia da pesquisa apresenta a forma como o trabalho de conclusão foi idealizado, desenvolvido e a forma como os dados foram coletados e analisados. No Quarto Ato: o corpo poético no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS, nosso quarto capítulo descrevo a investigação feita alunos do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS que tiveram experiências poéticas ao longo deste, analisando as entrevistas sobre as experiências poéticas dos sujeitos entrevistado.

Por fim, nas Considerações Finais, me permito considerar a experiência desta pesquisa como uma forma de refletir sobre o que os graduandos do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS, perceberam através das experiências de constituir o corpo poético ao longo do curso e sua capacidade de movimentar e deslocar atividades que potencializem os estudantes em suas práticas pedagógicas.

1 PRIMEIRO ATO: O CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

As experiências com a temática corporeidade ainda é um tema pouco difundido dentro da universidade, embora os Cursos de Graduação em Pedagogia contemplem em suas Diretrizes Nacionais (BRASIL, 2006) a interdisciplinaridade, a integração corpo e mente, razão e emoção. Mesmo que esse documento destaque como objetivo primeiro: “formar profissionais habilitados para o exercício interdisciplinar, nas quais são previstos conhecimentos pedagógicos nas diversas áreas do ensino” (BRASIL, 2006, p.45), considero que a prática corporal articulada através de suas normativas disciplinares não parecem dedicar grande atenção ao desenvolvimento dessa tarefa.

De acordo com Gil (2004, p. 45) “o corpo que não dá cambalhota, não aprende a dar cambalhota.” Então, como estamos aprendendo a narrarmos corporalmente no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS? Nosso Plano Político Pedagógico dispõem a compreensão da formação de um pedagogo enquanto um conjunto de situações de aprendizagem, disciplinas, valores e atitudes. Nesse documento, emerge a concepção de um profissional com uma tríplice relação e exigência do seu trabalho. Ou melhor,

o/a pedagogo/a é um/a profissional que domina saberes e que em sua prática reflete, transforma e apresenta novas configurações a esses saberes e, ao mesmo tempo, assegura a dimensão ética dos saberes que dão suporte à sua prática no cotidiano de seu trabalho. (FACED UFRGS, 2007, p. 1).

Sendo assim, nosso Plano Político Pedagógico da UFRGS (2007) em conjunto com as Diretrizes Nacionais dos Cursos de Graduação em Pedagogia parece sublinhar que é imprescindível à formação de profissionais habilitados para o exercício interdisciplinar, nas quais são previstos conhecimentos pedagógicos em diversas áreas do ensino, com destaque para novas configurações de saberes que dão suportes ao cotidiano e a aprendizagem. Desta forma, as características e especificidades dos conteúdos pedagógicos trabalhados ao longo do curso poderiam também ser aplicadas democraticamente às diversas áreas do ensino. Sendo a dança, ou a corporeidade mais uma dimensão da potência linguageira de saberes e fazeres educativos, tais temáticas também deveriam fazer parte do repertório de informações e habilidades integrantes das atividades de ensino ministradas.

Tal contradição evidencia-se na própria determinação para o estudante de Pedagogia. Isso porque, os documentos expressam que: “o estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades compostos por uma pluralidade de conhecimentos

teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão” (BRASIL, 2006 , p.11).

Conforme os artigos que compõem as Diretrizes Curriculares Nacionais (2006), destacam-se como conteúdos fundamentais à docência em Pedagogia aqueles que contemplem tanto os saberes relacionados ao corpo e mente, como aqueles dedicados às relações afetivo-sociais, para uma formação fundamental que proporcione à potencialidade de linguagens nas diversas áreas de ensino.

O artigo 5º da referida diretriz destaca que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

- V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;
- VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático- pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas. (BRASIL, 2006 , p.11).

A partir de análise reflexiva sobre essa proposição podemos constatar que a presença do corpo no Curso de Graduação em Pedagogia é um conteúdo fundamental a ser problematizado, um elemento a ser desenvolvido e explorado. Quando o artigo 5º retrata através dos parágrafos V, VI e VII as questões sobre manifestações e necessidades físicas, o ensino da Educação Física e pontua as Artes e a relação integrada entre todos esses fazeres e saberes como meio de comunicação significativos ao ensino e aprendizagem, percebemos que precisamos compreender e ampliar nossa prática universitária para que os futuros pedagogos tenham, verdadeiramente, ferramentas para apropriarem-se do corpo como conteúdo de ensino.

Ao longo do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS discutimos sobre a importância de possibilitar experiências para que nossos alunos busquem sua autonomia e recursos para o que desejam experimentar e aprender. Entende-se que os indivíduos são diferentes, tem corpos diferentes, tempos diferentes, modos de se movimentar múltiplos e plurais, não tem o mesmo ritmo, mesma percepção e mesma experiência. Assim, para que se compreenda o processo de aprendizagem, é necessário que os professores também tenham uma visão individual, coletiva e principalmente poética dos corpos desses sujeitos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Pedagogia (2006) preveem em seu artigo 6º o respeito à diversidade nacional e a busca pela autonomia do professor no que diz

respeito as práticas educativas de conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos “nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial” (BRASIL, 2006, p. 11). A partir do exposto, poderíamos dizer que o conhecimento do corpo estaria integrado a todas as dimensões indicadas no artigo. Mas, onde o trabalho efetivo com esse potente instrumento de ensino e aprendizagem aparece?

Diferentes investigadores tem destacado a capacidade que a criança tem de expressar-se corporalmente através de movimentos livres, sem estereótipos. A bailarina argentina Patricia Stokoe afirma que diante de um mundo de incertezas, exigente nos processos de educação, essa espontaneidade vai se perdendo em detrimento de questões morais e sociais, preconceitos religiosos e sexuais, e por fim, recebendo punições que entram em cena reprimindo movimentos. (STOKOE, 1987 p. 11). Para ampliar o repertório das experiências de saberes e fazeres da Pedagogia durante as atividades de ensino vivenciadas na universidade precisamos experimentar nosso corpo, para então escutá-lo.

A pesquisa de Berge (1988) aponta que a educação corporal é tão importante quanto à mente. Em reforço, Pereira (2001) sublinha que a dança é uma ferramenta fundamental a ser trabalhada na escola, destacando que com essa atividade podemos levar nossos alunos a conhecerem a si próprios e seus colegas; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos para a aprendizagem. Nessa direção encontramos também os estudos de Gil (2002 e 2005), o professor nos indica que o corpo é potência quando aprende que cada gesto que se prolonga para além de si próprio, numa continuidade tecida pela rítmica de si, abre espaço a dimensão infinita de possibilidades de movimentos, podendo transformar-se então em linguagem: a dança.

O destacado trabalho de Gil (2002 e 2005) tem nos mostrado que o corpo que não experimenta sentidos na vida cotidiana, que não articula o gesto no tempo e espaço de ser, não sabe fazer. Gil (2005) explicita a necessidade de vivenciar as experiências corporais para então conseguir executá-las; além de destacar o exercício da continuidade das atividades para a aquisição e apropriação do próprio corpo como instrumento de conhecimento. O autor destaca que a ausência de experiências poéticas com o corpo, bem como, o desenvolvimento de propostas corporais exercidas de forma esvaziada de significados e conteúdos no âmbito educacional, nos remete a escassez de linguagem corporal (GIL, 2005, p. 14).

Nesse sentido, a análise pormenorizada tomada no Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS constatou a falta de continuidade de nosso trabalho formativo, bem como uma destacada falta de apropriação e articulação teórica e

prática com a linguagem corporal propriamente dita. Isso porque, das 3200 horas previstas para a formação do pedagogo em nosso curso, as disciplinas que contemplam o corpo aparecem em apenas em 315 horas desse total. No primeiro semestre temos Jogo e Educação com carga horária total de 45 horas. No terceiro semestre temos Educação Saúde e Corpo com carga horária total de 45 horas. No quarto semestre temos Educação Musical e Teatro com carga horária total de 90 horas. No sexto semestre temos Ciências Naturais e Ciências Sócio Históricas, com carga horária total de 150 horas, que algumas vezes se ocupam do corpo para realizar experiências de ensino com os estudantes. Do exposto percebemos que apenas 10% do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS é destinado às práticas que envolvem a experimentação do corpo.

Nesse contexto, o pensar pedagógico responsável poderia articular corpo e mente, aproximando áreas de conhecimento, para então sublinhar a interdisciplinaridade tão preterida nos documentos investigados. Precisamos do corpo para aprender a entrar em linguagem, porque segundo Agamben (2011) apud Richter (2011, p. 34), “não nascemos com linguagem, nascemos com a potência de entrar em linguagem.” Para entrar em linguagem, portanto, exige-se passar pela experiência de fazer com o próprio corpo, deparar-se com seus limites e possibilidades para aprender a apreender seu corpo, solo, em pequenos e grandes grupos e no coletivo, deparando-se com as provocações impostas e expostas no mundo. Apenas dessa forma, apreenderemos o que ensinar na investida de ampliar as narrativas singulares de cada um na direção de produzir sentidos à própria experiência corporal na docência (LINO, 2015, p. 54).

Portanto, ao estudar as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Pedagogia e o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da UFRGS fui entendendo que o conhecimento corporal aparece em termos circunstanciais e genéricos. Mesmo que a integração de saberes e fazeres sejam contemplados, as disciplinas específicas cursadas para o desenvolvimento e apropriação desse corpo não apresentam em suas emendas e súmulas propostas objetivas e detalhamentos específicos sobre tal corporeidade. Além disso, a bendita interdisciplinaridade preterida, não parece fundamentar e tornar o estudante capaz para articular sua prática cotidiana na escola, pois o pequeno tempo de carga horária disponível ao desenvolvimento dessas atividades, bem como a falta de continuidade no trabalho empreendido interrompem o processos de apropriação e aperfeiçoamento dos estudantes. Logo, compreendo que a experiência poética do corpo no Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS ainda precisa ensinar o corpo a pular amarelinha para aprender a contar e imaginar, sem separações ou facções, experiência poética que é urgente e necessária para

conjugar sentidos. Tal ação apenas pode produzir-se na materialidade de entendimento de nosso corpo constituinte: o corpo poético de todos nós.

2 SEGUNDO ATO: O CORPO POÉTICO

Encontrei nos estudos de Sandra Richter (2005; 2015; 2016) a definição de corpo poético que considero interessante para articular o desejo de contemplar o corpo na formação dos estudantes do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Richter (2017) define corpo poético como a integração entre o saber sensível e o saber inteligível, sem rupturas, sem brechas, sem partes isoladas. Tal conceito vem do extenso estudo sobre a experiência poética desenvolvido pela autora ao destacar a dimensão ficcional da arte na infância como uma necessidade das crianças que inventam porque precisam “aprender a encantar-se através de um saber que dura no corpo [...] constituinte demarcador, a partir do qual aprendemos a interpretar e engendrar compreensões no e do mundo” (RICHTER, 2005, p. 266). Ao aproximar filosofia e poesia, a estudiosa destaca a capacidade do corpo linguageiro, tão caro a Merleau-Ponty, reconhecendo a potência em que se apoia a linguagem. Richter (2017) afirma que tal ação provoca um retorno às infâncias do pensamento, no qual poderíamos recuperar seu caráter gestual de meio puro. Sem oposição simplificada entre ambas, mas tampouco sem fusão destruidora de suas especificidades históricas, o modo como exercem tal força estabelece a distinção entre pensar sobre o mundo, inerente à reflexão filosófica, e pensar no mundo, inerente à produção poética.

Nesse instante, fui compreendendo que os pressupostos teóricos estudados e aprendidos na universidade sempre indicaram que uma teoria sempre exige uma prática, ou uma prática pode indicar uma teoria?! Porém, quando chegamos à sala de aula, na própria universidade, nos colocamos dispostos sentados com os corpos inertes. O movimento que realizamos nos bancos universitários tem se resumido a pequenos gestos disciplinados, mexer os punhos, os braços, deslizar a caneta no papel, todos em função da escrita formal, não como descoberta, mas como cópia ou lembrança da fala do professor.

Neste contexto, a possibilidade de exploração e experimentação do corpo poético como expressão e impressão da experiência de estar no mundo parece ficar escondida nas carteiras. Compreendo com Berge (1988) que a aquisição de competências para compreender a importância da inseparabilidade entre corpo e mente, deveria ser uma competência para todos os estudantes do Curso de Graduação em Pedagogia. Conforme destaca o autor, a educação corporal é tão importante quanto à mente. Quando as medidas e axiológicas do saber se fixam no intelecto fora do corpo, como único ponto de referência e valorização educativa, se estabelece uma ruptura profunda com a narrativa constituída pelo ser humano através de sua história.

As diferentes investigações de Richter (2005; 2013; 2015) reforçam esse pressuposto a partir da reflexão da fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty. Ao articular a experiência de entrar em linguagem a partir do corpo, primeiro antecedente que experimenta sentidos antes de fornecer significados, Richter afirma que o corpo engendra um processo histórico particular. O corpo deve ser compreendido como uma forma de linguagem, aliada e necessária para o desenvolvimento da aprendizagem. Por essa razão, a pedagoga afirma que não deve ser fortalecida a ideia de separação de corpo e mente.

Então, Richter destaca que o tempo acontece no corpo e o modifica e se modifica a partir disso. Embasada nas investigações de Merleau-Ponty (1999, p 253), a investigadora conclui: “a consciência aprende com o corpo a refletir.” (RICHTER, 2015, p. 1035). Ou melhor:

[...] a experiência do corpo próprio contrapõe-se ao movimento reflexivo que, ao destacar o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, nos oferece apenas o corpo em ideia, aquele concebido pelo entendimento. No entanto, o mundo não é meramente causal e factual, antes o mundo é o lugar onde vivemos, estamos no mundo, somos rodeados pelas coisas e seus acontecimentos. E [...] é por meu corpo que compreendo o outro, assim como é pelo meu corpo que percebo ‘coisas’. (RICHTER 2015, p.1035).

Logo, segundo Richter (2015) habitamos o mundo e habitar é significar, essa potência aberta e indefinida. Aprendemos com o corpo, percebemos as coisas e o nosso corpo é marcado pelo tempo. O tempo de apreender e de comunicar sentidos, pela qual nos transcendemos em direção a modos de agir, em direção ao outro, em direção ao próprio pensamento, ocorre no espaço e tempo das narratividades que constituímos com o nosso corpo; marcas das experiências que fazem o nosso repertório.

Um dos inúmeros trabalhos destacados sobre o corpo poético de Lecoq (1998) por citados por Fusetti e Wilson (2000, p.1), podem contribuir para nossa compreensão e integração destes saberes, tendo em vista as experiências impressas na memória corporal de cada um de nós. Um exercício que eles nos propõem é relacionar a horizontalidade do mar com a verticalidade de uma árvore. Ao imaginarmos essas duas dimensões espaciais logo visualizamos nesses dois elementos uma dinâmica básica de espaço na natureza. A partir desses elementos permanentes temos possibilidade de compreendê-los e associá-los a nossa maneira, explorando para conhecê-los a partir do gesto que desenha suas linhas e tatua sentidos da experiência vivenciada na coletividade mundana. Aqui podem emergir questões como que linhas traçam nossos corpos, os objetos do mundo, a paisagem que nos rodeia?

Outro exemplo que considerei muito interessante destacar foi citado por Fusetti e Wilson (2000, p.3) sobre Jacques Lecoq (1998), agora especialmente sobre o movimento. O autor nos convida a brincar de ser mar e ser fogo. Assim, nos convida a experimentar o movimento contínuo de cada um desses dois elementos, visíveis para todos nós. O mar enquanto movimento para frente e para trás e o fogo de baixo para cima. Tudo que o corpo pode descobrir ao experimentar essas atividades com exemplos corriqueiros, mundanos, experiências de atribuir sentidos antes de fornecer significados do qual Richter (2015) refere-se quando fala do corpo poético na formação de professores.

As experiências que passam pelo nosso corpo criam a capacidade de conectar e associá-las com o intelecto, por exemplo, para saber se algo é frio ou quente precisamos sentir o que é o frio e o que é o quente. Aprendemos a caminhar, falar, correr, pular através das experiências de ver o corpo de outros sujeitos em movimento, tentamos imitá-los, copiá-los, de repente temos o nosso jeito de fazê-lo e/ou reproduzi-los.

Inicialmente exploramos o mundo que nos é cotidiano, a natureza que nos cerca, os objetos, os sujeitos e os comportamentos que estão em nosso entorno. Procuramos, enquanto sujeitos sociais e culturais nos adaptar as características, crenças e comportamentos peculiares que nos fazem pertencer a uma sociedade, para que então consigamos descobrir nós mesmos e fazer parte desse todo que é o mundo. Isso porque,

[...] o mundo não é o que eu penso, mas o que eu vivo, não está dado, mas torna-se. Movimento que vai configurando mundos no movimento de transformá-lo, ou seja, recomeçá-lo. O mundo não quer permanecer quieto: in-quieto nos inquieta, nos força a tocá-lo, a movimentá-lo, a fazer mundo em nós. Esse sair de nós até as coisas exige do nosso corpo ação: agir é entregar-se para inaugurar sentidos. Poder intimamente vinculado à decisão de iniciar algo no mundo. (RICHTER, 2015 p 1037).

Segundo Richter (2015) nossos movimentos acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo. Situamo-nos nas coisas dispostos a habitá-las com todo nosso ser. As sensações aparecem associadas a movimentos e cada objeto convida à realização de um gesto, não havendo, pois, representação, mas criação, novas possibilidades de interpretação das diferentes situações existenciais.

Conforme Mearleu-Ponty apud Nobrega (2008), a percepção está relacionada à atitude corpórea. Para tanto, cada indivíduo traz uma sensibilidade diferente, por isso, o corpo poético, narra singularidades a cada instante, manifestando-se de múltiplas formas. O escrito afirma: “minha árvore não é a mesma que a sua árvore, porque eu passei por uma vida

diferente e isto está no meu corpo.” (NOBREGA, 2008, p.98). Essa compreensão de sensação modifica a noção de percepção de cada um de nós deixando-nos abertos:

[...] à experiência da linguagem que engendra um processo histórico particular ao emergir como experiência de temporalização do corpo. O tempo acontece no corpo e o modifica.[...] Somos devires históricos, nos constituímos em uma perspectiva histórica na qual somos tempo e somos espaço que compõem uma narrativa: a coexistência entre humanos. A historicidade emerge da consciência de um futuro e a lembrança de um passado, o que implica constituir uma narrativa do viver juntos habitando a linguagem. É na existência, vivendo, que constituímos e imprimimos sentidos aos fenômenos pessoais e coletivos. (RICHTER, 2015 p.1034).

As experiências de entrar em linguagem, em colocar-nos constituindo e imprimindo sentidos continuamente, num exercício enunciador e potencializados de fazeres e saberes nos acompanha durante nossa jornada de aprendizado, deixando marcas que compõem a nossa história enquanto indivíduos singulares capazes de compartilhar essas experiências com o coletivo. Por isso, considero que a experimentação com as diferentes dimensões da linguagem, (música, teatro, cinema, literatura, matemática, ciências, etc) conforme Richter (2015), é essencial para a integração dos saberes corporais, que moram e habitam cada corpo.

Como bailarina compreendo que é através da convivência e da postura curiosa que fomos provocados enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais, que podemos encontrar tempos e espaços mais propícios à emergência das múltiplas e plurais competências para poetizar nossos corpos. Logo, com Agamben (2011) aprendermos que nascemos com a capacidade de entrar em linguagem e transforma-la em algo poético. E Richter (2015) além de nos alcançar o conceito de corpo poético, nos faz refletir sobre o mesmo no campo da Pedagogia, especialmente na formação de professores, como suporte potente de movimentar as narrativas singulares de todos constituídas no coletivo, a partir da experimentação e exploração do que o mundo nos provoca.

2.1 O corpo na escola

Os destacados estudos de Garbin (2005; 2006; 2010) têm contribuído para que possamos compreender a noção sobre os discursos enquanto práticas organizadoras que se constituem na e através da linguagem, produzindo objetos, formas, condutas, definindo e delimitando o que é ou não adequado, estabelecido, prescrito, o que pode ou não pode o corpo na instituição. A professora Garbin nos apresentou Foucault (1996), que em sua obra “Viajar e Punir” retrata e evidencia o nascimento de uma prisão. O autor define que ao longo da

história a constituição de mecanismos de saber relacionados por meio das práticas e do implemento de fórmulas genéricas de dominação, nos fez disciplinar os corpos, ensinando-os a ser e estar de determinada maneira. Seus estudos tem contribuído para ressignificarmos os conhecimentos tomados dentro de nossas instituições educativas.

A partir de Varela e Alvarez-Uria (1991), compreendemos que a escola no percurso da modernidade se estabelece como uma maquinaria social, cultural, política e econômica na formação da sociedade ocidental (ALVAREZ-URIA;VARELA, 1991). Logo, ao se deparar com o cenário atual da educação, percebe-se que a escola contemporânea ainda carrega consigo muitos desses elementos concisos sobre práticas organizadoras, genéricas de dominação e que se fazem presentes de maneira à disciplinar seus alunos. Mesmo que, na disposição jurídica de nossos documentos legais o corpo apareça como uma experiência integradora e interdisciplinar observamos que na escola, o lugar do corpo, além da aula de Educação Física guarda sempre a disciplina imposta nos discursos canônicos institucionalizados.

Conforme Garbin (2010) apud Veiga-Neto (2008), a escola fez e permanece fazendo mais que disciplinar e ensinar determinados saberes aos indivíduos, ela vem com o passar do tempo, se estabelecendo como conjunto de máquinas que operam articuladamente entre si para desempenhar o papel de formatar sujeitos. Ela produz saberes e especialistas que se encarregam de orientar como educá-los, ensiná-los, vigiá-los e regulá-los. Dessa forma, estaremos até quando submetido a essa prisão focaultiana?

Zardan (2014) faz a seguinte indagação:

Porque ainda tentamos ser professores? Responder a tantas exigências? Produção qualificada, postura adequada, compreensão do educando, avaliações institucionais, modulação de perspectiva própria, leituras interruptas, descanso inexistente. [...] com o desconforto de quem esta vivo e tem corpo. [...] o corpo é mínimo. A cabeça faz parte do corpo. E mesmo ao mínimo, o mínimo do mínimo, algumas cabeças, especialmente as que se acham o máximo, não se dispõem. (ZARDAN, 2014, p.30).

Para Zardan (2014) na carreira docente é preciso amoldar o corpo a um não corpo que mais dita, recita, cita, e se debilita do que excita. Ela complementa que “ainda não foi proibido na escola, por mais difícil que seja, termos corpo. E é sempre um corpo, frágil e quase sempre suprimido, o que se apresenta.” (ZARDAN 2014, p. 31). Pensando em educação correndo de escola em escola, acalma-se em que nela se inicia, experimenta-se pouco atividades divertidas, sem tempo para si, sem nenhuma trégua. Assuntos leves, alegres, não combinam com a severidade com que a instituição de ensino deve carregar o corpo desse

aluno. Corpos que podiam aprender através do brincar, do correr, do dançar, enfim, de viver a experiência do corpo poético em seu contexto amplo de tempos e espaços institucionalizados parecem inexistentes.

A capacidade da expressão corporal livre e espontânea que a criança carrega antes de iniciar o seu processo de institucionalização escolar, em comparação ao passar do tempo dentro da escola faz-nos refletir sobre o porquê isso vem sendo reprimido no decorrer da trajetória escolar de tantos alunos. Se nossos teóricos insistem em afirmar que as manifestações espontâneas infantis os constituem como sujeitos e caracterizam sua identidade, podendo ser mediadas para práticas pedagógicas investigativas e promotoras de múltiplas potencialidades, porque insistimos tanto em disciplinar os corpos infantis?

Ou, porque a vida não entra na escola? Nesse sentido,

[...] descreve-se a articulação necessária entre o que se aprende no currículo escolar com/no contemporâneo, com a vida, as mídias, as tecnologias, as artes. Tal engendramento torna-se possível por um encontro, e pelo aprofundamento com elementos dos mais simples, pequenos, triviais, da vida diária, iconográficos, aos mais complexos das artes. (GAI, 2014. p. 1).

Para tanto, é necessário integrar ao currículo escolar, as experiências do corpo poético. Tal corpo, definido no segundo ato é espaço vital para viver a experiência de conhecer todo o processo educativo através do movimento que emerge como peça fundante do trabalho docente. Segundo Strazacappa (2001, p.56), o movimento é a primeira forma de aprendizagem humana, isso porque, “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento desse corpo no tempo e espaço de ser”.

Então, como planejar atividades nos diferentes sistemas de ensino, em especial dentro do Curso de Graduação em Pedagogia que possibilitem a vivência do corpo poético? Segundo a bailarina e professora, o corpo deve ser provocado a se movimentar e explorar com frequência e espontaneidade o meio em que está inserido, pois assim, poderá potencializar continuamente o desenvolvimento como um todo e buscar uma expressão técnica que dê conta de seus desejos, com autonomia.

Ao conhecer nosso corpo poético, outras conquistas languageiras emergem. Conquistarmos espaço e aprofundamos e potencializamos suas dimensões articuladas. Como cita o autor Esteban Levin (2005):

[...] as experiências feitas com o corpo deixam marcas, são aprendizados efetivos, incorporados. Na verdade, são tesouros que guardamos e usamos como referência

quando precisamos ser criativos em nossa profissão e resolver problemas cotidianos. Os movimentos são saberes que adquirimos sem saber, mas que também ficam à nossa disposição para serem colocados em uso. (LEVIN, 2005, p.21).

Ao sublinhar as competências e os saberes que ficam a nossa disposição, os estudos de Levin (2005) nos aproximam do trabalho de Damásio (1996). Ao discorrer sobre o que nomeou o erro de Descartes, Damásio (1996) afirma que a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo, todo o organismo possui cérebro e corpo integrados e se encontram plenamente interativos com um meio ambiente físico e social. Por isso, Damásio (1996, p.3) afirma “sinto, logo existo!” É cada vez maior a relação entre o desenvolvimento cognitivo em relação aos sentimentos e o movimento corporal. A bailarina ainda acrescenta,

[...] o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. No entanto, há um preconceito contra o movimento. (STRAZACAPPA, 2001, p. 69).

O dito de Strazacappa, confirma o enunciado de Pires (2006) quando destaca que a primeira ação corporal que uma criança da Educação Infantil aprende em seu primeiro mês escolar é sentar em pernas de índio. Ou melhor, as crianças que necessitam conhecer o tempo e espaço explorando-o aprendem a reter o corpo escutar a historia da roda do professor. Embora sejamos conscientes de que o corpo é uma das principais ferramentas de aprendizagem e comunicação. Enquanto adultos e marcados por um sistema educacional de repressão de corpos (STRAZACAPPA, 2001). Ao nos depararmos com a espontaneidade corporal das crianças, muitas vezes não sabendo como lidar com isso, buscamos argumentos a fim de reprimi-las para que fiquemos mais confortáveis em nossa ignorância educativa. Criamos a partir disso, desta falta de experiência em relação ao corpo e ao movimento, um preconceito, deixando de sentir e aprender sobre o movimento. Ou colocando-nos menos disponíveis ao movimento na vida coletiva escolar. Isto porque, para a escola, o corpo educado é aquele corpo reprimido e obediente! Afinal, “aluno bom é aquele que se comporta!”

Essa característica de corpo disciplinado, enfileirado e ausente de movimento conforme Strazacappa (2001, p.67), se constitui por um longo tempo e se manteve pelo menos em exercício nas escolas até a metade do século XX. As investigações da bailarina tem nos mostrado que atualmente, embora as mudanças e discussões sobre a importância do espaço e movimento do corpo, a ideia de “não-movimento” como sinônimo de “bom comportamento”

ainda acabam prevalecendo. Strazzacapa (2001) afirma que ainda temos indícios, na educação contemporânea dessas manifestações de maneiras de limitar o corpo, o movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca, como por exemplo, a imobilidade como castigo e a liberdade de se movimentar como prêmio. Por essa razão, esperamos que o corpo na escola possa:

[...] reivindicar a consideração pedagógica por uma experiência, mediada pela linguagem, que favoreça tanto as crianças quanto os adultos a tornarem-se presentes no que fazem e no que são, passa por um determinado encontro com e no mundo. Um encontro que busca na presença do presente, aqui e agora, uma densidade existencial capaz de deslocar as prévias determinações para os acasos indeterminados pelos interstícios dos instantes da ação pedagógica. Que seja uma experiência possível, ao mesmo tempo, de produzir uma presença não reduzida à simplificação de significados pela instrumentalidade de uma precoce escolarização. Que seja uma experiência de linguagem como gesto que reconhece a potência em que se apoia a linguagem. (RICHTER, 2015).

Portanto, “é indispensável para o aprimoramento do cenário educativo-contemporâneo compreender o processo de formação dos professores como uma busca a ampliação de práticas que não se limitem no caráter mandatário das diretrizes curriculares, ou dos projetos políticos pedagógicos dispostos, mas ao exercício contínuo de um coletivo de discussão comprometido pela articulação e aprofundamento político e pedagógico em intenso movimento entre o que a realidade ensina na experiência com o mundo e o que se aprende a interação argumentativa” (LINO, 2017, p.1).

Para tanto, compreendo que o corpo na escola deve movimentar os fazeres e saberes constituídos para pensar o corpo poético, desencaixando-se de fôrmas ou fórmulas pré-estabelecidas para viver a experiência de entrar em linguagem. Tal atividade poderia ocupar diferentes territórios dentro do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS, sendo interlocutora de conexões múltiplas e plurais; conhecimentos necessários e urgentes à escola brasileira e a formação de pedagogos.

2.2: Dança na Escola: conteúdo curricular?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) definem a dança como a arte que se utiliza do movimento do corpo físico humano para sua prática, o que a classifica dentro da prática dessa disciplina como um elemento de extrema utilidade tendo em vista seu amplo leque de possibilidades de abrangência educativa (BRASIL, 1998). Segundo esse documento, a dança incorpora:

1. A estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõem o seu movimento Com este critério pretende-se avaliar se o aluno reconhece o funcionamento de seu corpo no movimento, demonstra segurança ao movimentar-se, empenha-se na pesquisa de uso do corpo no espaço, nas variantes de peso e velocidade e se articula esses conhecimentos;
2. Como atividade coletiva, se interage com os colegas respeitando as qualidades individuais de movimento, cooperando com aqueles que têm dificuldade, aceitando as diferenças, valorizando o trabalho em grupo e empenhando-se na obtenção de resultados de movimentação harmônica, dentro dos parâmetros estabelecidos pelo professor;
3. Compreender e apreciar as diversas danças como manifestações culturais, o aluno é capaz de observar e avaliar as diversas danças presentes tanto na sua região como em outras culturas, em diferentes épocas. Refere-se ao saber ver, distinguir, compreender, relacionar e analisar. (BRASIL, 1998 , p. 64).

A expressão é a motivação mais significativa da dança. Expressão corporal é uma potente proposta para o desenvolvimento da aprendizagem, é através dela que se possibilitam as exposições de sentimentos ou de sensações internas, tanto quanto de conteúdos mentais, quanto por meio de movimentos representativos ou simbólicos do corpo. A linguagem do nosso corpo é a comunicação não-verbal, pois utilizamos gestos, posturas e movimentos. Conforme Geis (2003) os instrumentos utilizados para se trabalhar com a expressão corporal são: o corpo, a voz, o som, o ritmo, o gesto, a postura, o movimento, o espaço e o tempo.

Para Laban (2004) a dança pode ser definida como cada gesto que prolonga-se para além de si próprio, isto é, a execução de movimentos que se desenham no espaço, numa continuidade de tempo tecida pelo ritmo. Ainda segundo Laban (2004) a dança trás consigo a dimensão infinita de possibilidade de movimentos, podendo ser uma potencializadora de linguagem. Assim, Pereira (2001) coloca que:

[...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...]. Verifica-se assim, as infinitas possibilidades de trabalho do/ para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade.”(PEREIRA, 2001, p.61).

Segundo Pereira (2001), a referência que se tem de dança no modelo de escola atual, é como um atributo recreativo, ou atividade artística utilizada para ilustrar as datas comemorativas, usada apenas em algumas situações pertinentes para os professores, que muitas vezes, não compreendem o significado dessa proposta, e por isso se vem obrigados a trabalhar com os movimentos que a compõem. A dança na escola está sendo vivenciada, na maioria das vezes, apenas como passa tempo. (PEREIRA, 2001). Ao destacar a dança como

um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola, Pereira (2001) afirma que ela não poderia passar de forma tão superficial e sem significado claro a carga horária das práticas pedagógicas.

Verderi (2009) afirma que a introdução da dança no currículo escolar equivale a um tipo de alfabetização, Conforme o autor, a prática do movimento pode trazer consigo uma série de significados que surgem a partir de processos mentais, das vivências e reflexões de cada indivíduo, assim:

Pode-se dizer então, que a dança enquanto um processo educacional, não se resume simplesmente em aquisição de habilidades, mas sim, poderá estar contribuindo para o aprimoramento das habilidades básicas, dos padrões fundamentais do movimento, no desenvolvimento das potencialidades humanas e sua relação com o mundo. Além de favorecer no processo de construção de conhecimento. (VERDERI, 2009, p.27).

Verderi (2009) destaca que ao exteriorizar diferentes movimentos envolvidos no ato de danças, o corpo aprende a se expressa, incorpora uma linguagem coreográfica que se articula da mesma forma que o discurso falado. Então, quando esta linguagem inaugura sentidos de ser, ela pode ser compreendida, compreendendo-se também o seu corpo. Quando se propõe ou trabalha com a dança dentro da escola, o que importa não é a linha escolhida, nem o aprimoramento de técnicas específicas, mas como através dela podem-se trabalhar os elementos que consideramos importantes para o desenvolvimento integral do indivíduo. Isso porque,

[...] a dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como também de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças que participam de uma coreografia de grupo. (STRAZACAPPA 2001, p.71).

Ao abordar a questão da dança na escola é importante observar alguns aspectos históricos desta que, segundo Verderi (2009), é considerada uma das formas mais antigas de manifestação:

[...] o homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza, exorcizar um demônio, casamento, homenagem aos deuses, à natureza etc.

O homem dançava por tudo o que tinha um significado, sempre em forma de um ritual. Podemos dizer que a dança é a arte mais antiga que o homem experimentou e a primeira arte a vivenciar com o nascimento. E como tal, o homem e a dança evoluíram juntos aos movimentos, nas emoções, nas formas de expressão e na arte de transformar os seres deste mundo. (VERDERI, 2009 P. 25).

A dança é, pois, a arte mais antiga que o homem já experimentou, é através dela que se promove também, o desenvolvimento cultural do aluno. Em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) do Brasil instituiu o ensino obrigatório da Arte em território nacional “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica.” (LDB 9394/96 Art. 26 - § 2º). Essa proposta de inserção da arte era uma forma de possibilitar o desenvolvimento cultural do aluno a fim de que o interesse pela arte se despertasse e a consciência corporal fosse trabalhada dentro das escolas.

Em 1998, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que incluíram a dança como uma disciplina a ser composta no currículo da escola. Ainda, de acordo com PCNs, os principais objetivos da dança na escola, conforme o Ministério da Educação e Cultura da época seriam: valorizar diversas escolhas de interpretação e criação, situar e compreender as relações entre corpo a dança e sociedade. (BRASIL, 1998, p.98).

Enquanto possíveis pedagogos e protagonistas atuantes da educação escolar são necessárias novas buscas para a efetivação de um novo cenário educativo onde possamos contemplar a Dança como disciplina obrigatória da Educação Básica, pensada no sentido de experimentação do corpo poético (RICHTER, 2015). A integração de corpo e mente, a prática e a teoria, o sensível e o inteligível tornam-se necessários e urgentes aos fundamentos elementares de reflexão do ensino de dança dentro da escola. Isso porque, não basta apenas se apropriar do corpo como modo de expressão representativa, mas no gesto do ser potente e criativo que é. “O mundo vem imaginar-se no corpo operante, no instante em que se torna gesto. Porque o mundo não é o que eu penso, mas o que eu vivo, não está dado, mas torna-se.” (RICHTTER, 2015, p.1034).

Toda dança, conforme Strazacappa (2001) não importa qual a estética que lhe seja inerente, surge da profundidade do ser humano, surge da “magia” e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo). Conforme Laban (1978), qualquer corpo pode dançar, delineando uma linguagem apropriada ao movimento. O corpo poético toca e faz parte de uma relação de estrutura que inclui o esforço, a forma e espaço, categorias que se inter-relacionam e informam-se mútua e

continuamente, através deste corpo; podendo passar a esse conjunto de movimentos estruturados que se constituem com a dança.

Logo, a dança também poderia estar contemplada no Curso de Graduação em Pedagogia, pois, é uma importante ferramenta potencializadora de linguagem, possibilita a comunicação entre corpo e mente, além de proporcionar integração entre os sujeitos de uma forma prazerosa e divertida. A dança possibilita a construção e efetivação desse corpo poético dentro da universidade, o corpo que nos constitui como sujeitos e como pertencentes a um grupo na sociedade.

3 TERCEIRO ATO: METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa conforme Fonseca (2002, p.78) se configura como uma pesquisa qualitativa, pois não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Nossa investigação adota uma abordagem exploratória porque esta é interessada no porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantifica valores e trocas simbólicas nem se submete a prova de fatos, pois os dados analisados não são métricos e se valem de diferentes narratividades coletadas. O objetivo da amostra da pesquisa é produzir informações aprofundadas e ilustrativas, o que importa é que ela seja capaz de reproduzir novas informações.

O interesse por esta temática de pesquisa surgiu pelo fato da vivência como bailarina desde os 4 anos de idade e de meu interesse em fazer perguntas. Fonseca nos auxilia a começar uma investigação:

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz). (FONSECA, 2002, p.32).

Como professora de ballet, considerei importante aproveitar a obrigatoriedade do tempo e espaço de realizar um Trabalho de Conclusão na grade curricular da Pedagogia para produzir algo que pudesse melhorar ou tornar mais eficaz meu trabalho docente no Studio que trabalho. A partir das questões delineadas neste trabalho, optei pelo método de pesquisa qualitativa de caráter exploratório para desenvolver os objetivos propostos na introdução da presente investigação.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa qualitativa proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Quanto ao procedimento da pesquisa, ela é apontada como uma pesquisa de cunho exploratório porque envolve uma coleta de dados que parte do estudo reflexivo e analítico das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Pedagogia e do Plano Político Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. Além disso, também envolverá conversas-entrevistas com os estudantes dos semestres finais do curso para coletar a fala dos estudantes nos bancos universitários. Isso porque compreendemos que a experiência

investigativa proposta por Gatti (2016) sobre os “referentes da ação docente” nos alerta que não basta analisarmos apenas os currículos e planos documentais em uma perspectiva eminentemente formativa, mas os dados coletados nas conversas informais com os estudantes, no convívio cotidiano institucionalizado é que nos possibilitam conhecer “diferentes tipos de atividades que compõem e informam o trabalho dos professores e da vida universitária” (GATTI, 2016, p.288).

Portanto, a pesquisa foi organizada e analisada de forma intuitiva, enfatizando o subjetivo como o meio de compreender e interpretar as experiências. Conforme a coleta de dados foi sendo construída documentalmente, as conversas-entrevistas serviram para ilustrar determinado foco ou aproximar novas interrogações. Os entrevistados foram escolhidos conforme os interesses pelo tema em discussão optando por não se identificar, os nomes presentes nas análises das entrevistas são fictícios. Os critérios para a seleção dos sujeitos da investigação na UFRGS envolveram os alunos do Curso de Graduação em Pedagogia que se encontrassem entre o quinto e oitavo semestres curriculares e aceitassem ser gravados e interrogados conforme a temática da proposta. As entrevistas foram realizadas no período de uma semana letiva, concentrando-se em três dias intensos de trabalho. Os sujeitos foram entrevistados em diferentes horários condizentes com as disponibilidades de sua carga horária.

Contando com o apoio teórico de autores e estudiosos do tema, a pesquisa não buscou controlar o conteúdo das entrevistas e sim captar os objetivos investigativos propostos. Desta forma, pretendemos refletir sobre os discursos e as formas pelas quais vem se construindo as experiências com o corpo poético dentro da universidade na visão dos sujeitos entrevistados.

As conversas-entrevistas consistiram na gravação em vídeo dos relatos dos alunos e em sua posterior descrição escrita para contribuir com a análise reflexiva sobre os fatos indicados. Nossa intenção é que esses relatos servissem como base para as reflexões das questões desencadeadoras. Sendo assim, inicialmente organizei uma série de perguntas, afirmações, colocações que serviram como ponto de partida para o início da fala do participante (FONSECA, 2002 p. 27). A principal importância da conversa-entrevista para esse trabalho de conclusão era conseguir proporcionar a reflexão a partir das experiências dos entrevistados.

Durante a organização das interrogações a ideia era oferecer um ambiente onde o sujeito entrevistado pudesse se sentir a vontade para conversar livremente sobre a temática. Enfocando nessa fala determinadas questões sobre a experiência do corpo poético no Curso de Pedagogia. Para isso construí junto com minha orientadora uma série de perguntas que

pudessem servir como base para a discussão. As perguntas não seriam feitas aos sujeitos em determinada ordem previamente organizada, mas serviriam como um guia, um catálogo do interesse da pesquisa e deveriam ser introduzidas conforme os relatos de cada sujeito.

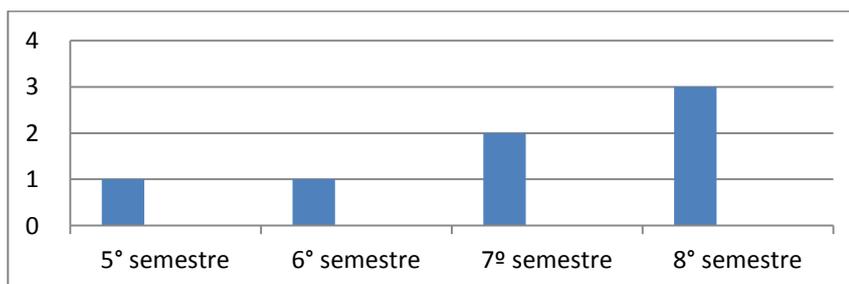
O modo como foi conduzida a entrevista foi com uma proposta de conversa aberta para que fosse possível refletir sobre a temática de uma maneira mais livre sem muitas interrupções. Com base nas experiências de movimento do corpo dentro da universidade as perguntas elaboradas foram às seguintes: As experiências de movimento do corpo presente nas discussões ao longo da trajetória da graduação adquirem movimento em sala de aula, em algum momento do curso? Como nossos corpos aprendem a se movimentar na universidade na teoria e na prática? Estamos realmente preparados para ao final da graduação trabalhar corporeidade com nossos futuros alunos em sala de aula?

As perguntas foram apenas norteadoras das conversas-entrevistas, não seguiram uma ordem linear, foram apresentadas de forma verbal aos entrevistados e estes puderam responder conforme a familiaridade com o tema proposto, dando ênfase as suas opiniões e experiências.

O critério que tomei para convidar os sujeitos a participar da investigação envolveu alunos que tivessem um trabalho baseado no corpo reconhecido na universidade e alunos que não tivessem essa marca. A partir daí conversei pessoalmente com diferentes colegas e todos se mostraram interessados em colaborar. Dentre os alunos abordados sete se voluntariaram para participar das entrevistas, destes três cursando o oitavo semestre, duas do sétimo semestre e outras duas do quinto semestre.

Os gráficos demonstrativos, a seguir, apresentam a quantidade de participantes entrevistados pelo semestre cursado, e o numero de participantes e o lugar escolhido para a realização da entrevista. Abaixo apresento o gráfico demonstrativo 1:

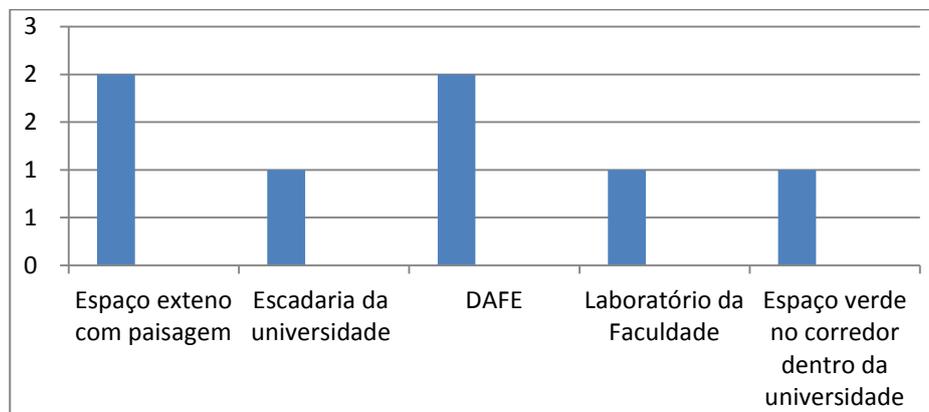
Gráfico 1 : Número de participantes x Semestre de curso



Fonte: entrevistas feitas na UFRGS

Cabe ainda destacar, que cada conversa-entrevista ocupou um espaço físico específico da universidade. Solicitei que cada sujeito manifestasse o seu lugar de preferência para gravar sua participação na investigação. Sendo assim, identificamos sujeitos que escolheram a paisagem externa do Campus Central da UFRGS, outros preferiram gravar no Diretório Acadêmico da Universidade (DAFE), outros no laboratório de ciências, outros em um cantinho verde especial através das escadas, outros na luz solar, outros junto às árvores. Os locais variaram com a mesma multiplicidade de narrativas colhidas.

Gráfico 2 : Número de participantes x Espaços da Universidade



Fonte: entrevistas feitas na UFRGS

A experiência de pesquisar sobre o tema foi muito motivadora enquanto acadêmica de pedagogia e bailarina clássica. A metodologia de pesquisa escolhida possibilitou conhecer a opinião de colegas de curso condizentes com a problemática apresentada nesta pesquisa.

4 QUARTO ATO: O CORPO POÉTICO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA DA UFRGS

De modo geral, a possibilidade de experimentar o corpo poético ao longo do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS aparece de forma destacada e integrada tanto nos documentos legais estudados como na fala dos estudantes. Os movimentos do corpo e a aquisição de competências para compreender a importância dessa conexão corpo e mente, emergem como ferramentas importantes na formação da carreira docente. As experiências do corpo poético, dentro da universidade estiveram presentes em diferentes discussões teóricas ao longo da trajetória de graduação, e se fizeram presentes apenas em alguns poucos momentos do Curso de Graduação trazendo consigo, experiências significativas e marcantes em seu repertório estudantil.

Os relatos a seguir, conferem o que afirma Berge (1988) sobre a educação corporal ser tão importante quanto à mente, quando o intelecto se torna o único ponto de referência e valorização, estabelece-se uma ruptura profunda. Conforme o trecho da entrevista 2 abaixo se percebe a importância da integração entre teoria e prática e a importância de perceber o corpo como um potencializador de linguagem em várias disciplinas do curso de graduação:

As minhas experiências com o corpo dentro da universidade foram na **disciplina de Teatro** tivemos experiências com o corpo e o ambiente relacionando sempre a teoria e a prática, tivemos atividades como movimentos com sons do corpo e depois reproduzimos isso no papel. Na **disciplina de Música** dançávamos, interpretávamos e resgatamos manifestações culturais. A **disciplina de Ciências Naturais**, tivemos muitas saídas de campo vivenciando muito os ambientes de fora da universidade, nunca ficávamos parados. Em **Ciências Sócio Históricas** tivemos a experiência de envolver o corpo e relacionando com a teoria. Eu acho importante **utilizar o corpo como um potencializador da aprendizagem**, ainda mais nós que estamos nos tornando professores, quanto mais nos movimentamos e experimentamos os espaços, conseguimos propor isso em nossas práticas(...) . (Conversa Entrevista 2, 2017, 8º Semestre).

No relato coletado, aparece um aspecto bastante recorrente nas conversas-entrevistas. Pelo menos 80% dos sujeitos quando começava a expressar o que entendiam sobre o corpo, ou sua vivência corporal, a primeira coisa que os sujeitos investigados enunciavam era o nome da disciplina e depois relatavam determinadas experiências que haviam constituído naquele espaço de saber universitário. De modo geral, explicitavam uma atividade realizada. Nesse contexto, o corpo geralmente era sublinhado também como um potencializador de outras ou novas aprendizagens.

A conversa-entrevista 4 reforça o nome das disciplinas de Educação Musical e Teatro como habitat das atividades lúdicas corporais e de movimento. Além disso, sinalizam a importância do corpo estar presente nas propostas de integração de diferentes linguagens:

[...] O que eu me lembro durante o curso com o que foi feito em relação ao corpo e ao movimento, foi na **disciplina de música** que tínhamos vários momentos de movimento, trabalhamos ritmo compasso e esse foi um momento que foi bem marcante nas minhas práticas, em outro momento nas **aulas de teatro** tínhamos muitas atividades lúdicas que contribuíram muito para o meu estágio. Esses dois momentos foram o que mais me marcaram pois não ficamos o tempo todo sentados, era uma proposta diferente [...]. (Conversa Entrevista 4, 2017, 8º Semestre).

No relato acima a discente expõe também as suas impressões com relação ao corpo e ao movimento. As experiências relatadas são positivas quanto ao aproveitamento das práticas relacionadas ao corpo em suas práticas de sala de aula e estágios, que segundo a entrevistada, contribuíram muito para o trabalho prático de Estágio e Prática na sala de aula da Educação Infantil. Desta forma, analisa-se a relação do que a entrevistada relata com o que a autora Strazacappa (2001) tem investigado sobre o movimento ser a primeira forma de aprendizagem humana. O indivíduo age através do seu corpo, mais especificamente através dos movimentos, por isso é importante que as atividades que possibilitem o movimento estejam presentes dentro da sala de aula desde o início da sua trajetória escolar.

Na entrevista 7, o sujeito relata sobre diferentes momentos onde presenciou o corpo poético na universidade:

[...] me lembro de vários momentos, ao longo do semestre de vários professores que nos fizeram movimentar durante o semestre, principalmente na **disciplina de Jogo e Educação**, a disciplina tinha muitas atividades lúdicas e brincadeiras que depois foram utilizadas no estágio. Sempre fui muito tímida, nunca gostei de me manifestar dentro da sala de aula, mas a partir dessas brincadeiras que a professora propunha consegui me soltar mais e isso me ajudou nas minhas práticas com os alunos [...].(Conversa Entrevista 7, 2017, 6º semestre).

Nesse exemplo aparece novamente a nomeação da disciplina, agora Jogo e Educação, para relatar sobre uma vivência lúdica que lhe fez brincar, perder a vergonha, entregar-se à experiência poética de narrar sentidos singulares. A entrevistada acima descreve a experiência com o corpo durante o curso de pedagogia acontecendo em diversos momentos, onde os professores a fizeram se movimentar. Complementa seu relato, dizendo que além de poder utilizar em seus estágios as práticas realizadas pôde, ainda, superar sua timidez e melhorar a sua capacidade de se desenvolver melhor suas práticas pedagógicas.

O sujeito investigado na conversa-entrevista 1 também nomeia as disciplinas de Música e Teatro como os momentos onde movimentou o corpo no Curso de Pedagogia. Porém, salienta que 90% do tempo e espaço cursado na universidade “a gente fica sentado”. Ouçamos a seguir:

[...] aqui na nossa faculdade, a maioria das cadeiras, 90 % a gente fica sentado apenas aprendendo a teoria de como fazer, somente nas cadeiras [lê-se disciplinas] de música e teatro que os professores estimulavam o movimento. Essas experiências de corpo me mostraram que se nós não aguentamos ficar 4 horas sentados em uma cadeira imaginas as crianças, nossos alunos, então essas cadeiras me fizeram pensar e perceber que é preciso explorar os movimentos, aprendizagem é fazendo, experimentando [...]. (Conversa Entrevista 1, 2017, 8º semestre).

O relato destas entrevistas nos remete à percepção nomeada e retificada da disciplina com o tipo de experiência vivenciada. Parece que as disciplinas de Educação Musical e Teatro, por se concentrarem no mesmo tempo curricular do Plano Político Pedagógico e no mesmo dia da semana, parecem aparecer na em primeira citação verbal dos entrevistados. No entanto, outras disciplinas como Jogos e Educação ou Ciências, também são tomadas como representativas da expressão corporal curricular e modelo para as práticas escolares tomadas futuramente nas instituições dos estudantes.

As marcas impressas em nosso corpo nos constituem. Enquanto professores, precisamos enxergar os alunos como sujeitos sócio-histórico-culturais, constituídos através de suas experiências e vivências anteriores. Faz-se necessário, portanto, que se proporcionem momentos para experiências e buscas dentro do ambiente de aprendizagem, ou seja, o Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS. A inquietude e a movimentação corporal dos discentes devem ser exploradas e incentivadas pelo educador de forma a produzir narrativas de singularidade e conhecimento da linguagem corporal, promovendo aprendizado dos indivíduos. Ensinar deve ser algo profundo, dinâmico e lúdico. O professor pode e deve potencializar a linguagem na complexidade e amplitude de suas dimensões, utilizando as ferramentas necessárias para estabelecer a relação entre ensino e aprendizagem, pois não há docência sem discência. (FREIRE, 1996).

Conforme afirma Freire (1996), não há professor sem aluno, e é a partir das experiências, dentro da universidade, que construímos nossas futuras práticas pedagógicas. O sujeito da conversa-entrevista 4 afirma:

[...] hummmm.... sobre o movimento na teoria e prática aqui na UFRGS?![...] além de conseguir compreender que estava sendo proposto na teoria e prática sabe, acho que os dois em conjunto tornou tudo mais fácil a compreensão como um todo. Então compreender o que esta escrita na teoria e executar isso na pratica torna uma

experiência muito mais rica[...] Fiquei na teoria apenas. (Conversa Entrevista 4, 2017, 8º semestre).

Conforme o relato da conversa-entrevista acima pode-se perceber que teoricamente a estudante entende a necessidade do corpo poético na educação. Porém, não conseguiu vivenciar significativamente tal experiência nos bancos universitários. Consta-se a necessidade de outro conhecimento e ampliação do repertório das experimentações corporais e uma maior referencia de articulação entre teoria e prática. Para conquistar o corpo poético definido por Richter (2015) é apenas quando a integração acontece que ele pode emergir. Não cindir, não partir, não separar o sensível do inteligível.

O relato da conversa-entrevista 5 nos confirma o pressuposto de que é também através da universidade que podemos encontrar a possibilidade de constituir começos languageiros, tais construções desembocam na pratica pedagógica, e que se faz necessário a ampliação dessas vivencias de sala de aula:

[...] a minha experiência com o corpo dentro da universidade foi **em 3 ou 4 cadeiras**, a primeira foi em **Jogo** no primeiro semestre que nos mexíamos bastante tínhamos que descobrir o nosso corpo e mover ele em sincronia com os nossos colegas, isso eu levei para um grupo de voluntariado que participava e utilizei essa prática com as crianças. Outra proposta com o corpo foi na cadeira na **Educação Saúde e Corpo** onde tivemos uma percepção de pensar sobre questões de saúde do corpo, que trouxemos para sala de aula[...]. (Conversa Entrevista 5, 2017, 7º semestre).

O relato da aluna acima, se refere ao descobrimento do corpo acontecendo no nível acadêmico, através do movimento nas disciplinas de Jogo e Educação e Educação, Saúde e Corpo, também mencionadas em conversas-entrevistas anteriores. A experiência vivida pela graduanda foi replicada em seu círculo social, demonstrando a necessidade de se vivenciar para ensinar.

Em contraponto na conversa-entrevista 6, logo abaixo aparece como a participante dessa investigação acaba por confessar sua indiferença às disciplinas que contemplam o movimento. Conforme Gil (2005), o corpo que não experimenta sentidos na vida cotidiana, que não articula o gesto no tempo e espaço de ser, não sabe fazer. A ausência de experiências poéticas com o corpo, bem como propostas esvaziadas de significados e conteúdos, nos remete a escassez de linguagem corporal. Logo:

No primeiro semestre eu me lembro de Jogo e Educação, tenho muitas lembranças, embora me sinta melhor sentada, esses jogos que a professora proporcionava mexiam muito com a gente e mexia muito conosco eram divertidos e foi a disciplina que mais conseguimos aplicar nas práticas. As disciplinas mais teóricas os

professores nunca se preocuparam em fazer a gente se movimentar, é um tempo de muito cansaço principalmente nas disciplinas de manhã toda é incomodo ficar sentada por muito tempo sem se movimentar.[...]. (Conversa Entrevista 6, 2017, 8º semestre).

Na entrevista 6, sua percepção de movimento e uso do corpo em sala de aula esta descrito de forma comparativa. A aluna relaciona o movimento como algo divertido, mesmo descrevendo se sentir melhor sentada. Em seu relato ela diz que as disciplinas teóricas que tem duração de um turno inteiro se tornam incômodas pelo longo tempo sem se movimentar. Desta forma pode-se avaliar como positiva as aulas com movimentação corporal, pelo fato de propiciar momentos que como a aluna descreve “mexem” com os alunos. Aqui aparece novamente o nome da disciplina como a responsável por convidar o corpo poético a acontecer, no caso a disciplina citada é Jogo na Educação.

Analisando as entrevistas, fica visível o ressaltado dos relatos a partir das experiências poéticas do corpo, vivenciadas apenas nos semestres iniciais do curso de graduação, e especificamente nas disciplinas que compõem o 1º, 3º, 4º e 6º semestre do curso, quais sejam: Jogo e Educação, Educação Saúde e Corpo, Educação Musical, Teatro, Ciências Sócio Históricas e Ciências Naturais. Por isso foi importante que se executasse essa pesquisa com os graduandos dos semestres finais do curso. Essas disciplinas que se fizeram presentes para esse grupo de sujeitos pareciam dizer em seus discursos enunciados da necessidade urgente de articulação entre teoria e pratica, mas também emergem como um espaço que mexeu com o seu corpo poético, porque disponibilizaram a esses graduandos a experimentação e compreensão dele.

Quando indagados sobre a questão de estarem preparados para por em pratica, nas suas salas de aula, experiências que pudessem contemplar a experimentação desse corpo poético, os relatos foram os seguintes:

[...] eu me sinto meio desconfortável enquanto propor essas vivencias de corpo, pois não tenho muita experiência com isso, porém estou buscando pelo menos tentar passar para meus alunos o que estou vivenciando dentro da universidade. (Conversa Entrevista 7, 2017, 6º semestre).

A graduanda se sente desconfortável em propor essas experiências, pois acha que não tem experiência suficiente. Esse relato aparece também em outras conversas-entrevistas:

[...] vendo esse contexto, acredito que **ainda não estamos ainda realmente preparados** para lidar com o corpo, assim de forma global, esse conjunto de teoria

aliada à prática porque são muitas poucas disciplinas que tratam sobre isso. (2, Conversa Entrevista 5, 2017, 7º semestre).

Conforme a conversa-entrevista abaixo, a graduanda relata que é necessário mais disciplinas que possibilitem essas práticas, segundo Richter (2015), somos devires históricos, nos constituímos em uma perspectiva na qual somo tempo e somos espaço. Nesse sentido, é preciso que esses momentos se inaugurem na universidade para possibilitar construir nossas narratividades singulares, nossa história, pois a história constitui também os repertórios que carregamos para nossa vida profissional “(...) acho que não me sinto preparado para trabalhar com esses corpos, pois que temos posto em prática sobre isso não é o suficiente.” (Conversa Entrevista, 2017, L8).

O trecho citado acima vai de encontro com a afirmação da próxima conversa-entrevista:

[...] sobre a questão de estarmos preparados para propor atividades que movimentem o corpo de nossos alunos, acredito que ainda não estamos totalmente prontos, precisamos de mais disciplinas que nos possibilitem isso. (Conversa Entrevista 3, 2017, 5º semestre).

Portanto, apenas duas das entrevistadas, afirmam que nada do que foi proposto, tem sido suficiente para que conseguissem possibilitar esse tipo de experimentação. “[...] ainda não me sinto totalmente apta para trabalhar com questões mais aprofundadas sobre o corpo”. (Conversa Entrevista 2, 2017, 8º semestre), “[...] Então meça isso, a gente não aprende na faculdade, espero na verdade que com o tempo eu seja capaz de fazer isso.” (Conversa Entrevista 1, 2017, 8º semestre).

Confirmam-se, assim, as possibilidades de movimento dentro da universidade, porém em poucos momentos institucionalizados, sem continuidade e nas mesmas disciplinas propostas. Os relatos demonstram o quanto os graduandos percebem a necessidade da inclusão de mais movimento durante o curso. Criando e experimentando práticas pedagógicas com diferentes propostas enquanto futura pedagoga e bailarina, é possível perceber a preocupação sobre como colocar em prática alguns questionamentos da docência em relação à educação do corpo poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências que passam pelo nosso corpo criam a capacidade de conectar e associar-se com o intelecto. Primeiro descobrimos o mundo aonde vivemos, depois procuramos enquanto sujeitos sociais, características que nos fazem pertencentes a um grupo, e assim fazemos parte desse todo que é o mundo e o habitamos e habitar significa essa potência poética aberta e indefinida.

Por isso, destaca-se a importância de vivenciar esse corpo poético dentro da universidade, bem como conseguir por em prática tais experimentações. Ainda há uma lacuna entre o exercício da prática e da teoria, e esse distanciamento nos impossibilita de potencializar as linguagens, devemos ser capazes de utilizar diferentes ferramentas de ensino. É imprescindível que o aluno do Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS possa desenvolver suas potencialidades, que ele seja capaz de utilizar seu corpo poético, nas diferentes dimensões que estão constituídas, integrando todos os seus saberes e abrindo assim novas possibilidades para a criação da Pedagogia como um gesto poético de linguagem.

Conforme a análise da coleta de dados, tanto os documentos idealizadores do Curso de Graduação em Pedagogia como os referentes da ação docente encontrados nas conversas-entrevistas reforçam que as instituições tem sistematicamente contido o corpo poético de seus estudantes. As formas de conter os corpos persistem, como maioria, mesmo dentro da universidade. As conversas-entrevistas também mostraram que há o interesse por parte dos alunos em incluir mais movimento quando da sua prática como professores. A utilização em suas práticas e estágios, dos exemplos aprendidos através de diferentes disciplinas práticas dispostas na grade curricular, demonstram interesses pela busca do movimento como ferramenta de ensino.

Nas conversas-entrevistas realizadas na presente investigação a linguagem da dança foi citada uma vez. Nesse caso, o sujeito relacionou-a a uma vivência desenvolvida na aula de Educação Musical. A dança é a expressão do corpo poético, e um conjunto de movimentos que se compõem em um determinado ritmo, tempo, espaço, intensidade, tenacidade, etc. Embora as outras conversas-entrevistas não tenham citado a dança como uma ferramenta de ensino, todas citaram o movimento como uma forma de se expressar o gesto do corpo poético.

A prática da dança nada mais é que a organização destes movimentos e a construção desse corpo poético que nos possibilita criar, pensar e refletir através do corpo. Assim potencializam-se as diferentes formas de linguagem através do ensino da prática desses movimentos. Richter (2015) conceitua o corpo poético como a integração do saber sensível

com saber inteligível, a mente aprendendo com o corpo a refletir, e dar significados ao que o corpo ainda tem que aprender.

Toda dança, conforme Strazacappa (2001) surge da “magia” e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo). Algumas das conversas-entrevistas citaram a disciplina de Jogo e Educação como disciplina marcante à reflexão desse corpo na escola. Consideramos, então, que a dança além de estar relacionada com o movimento, também toma forma no brincar. Portanto, a dança deve ser considerada um conteúdo fundamental dentro dos propósitos estipulados para o Curso de Graduação em Pedagogia, pois conforme Pereira (2001) é através dela que temos a capacidade de conhecer a nós mesmos e interagir com o outros, explorar nossas emoções, ensinar o corpo a imaginar, a criar, além de se apropriar da discursividade característica de seus movimentos.

Finalizo esta pesquisa compreendendo que com os anos vividos como bailarina me possibilitaram compreender esse corpo poético, e conseguir possibilitá-lo nas práticas pedagógicas. Devido às experiências que tive, fora da universidade, nos espaços não-escolares, compreendi que o corpo precisa ser vivenciado e experimentado. Compreendendo que seremos futuros pedagogos e protagonistas da educação, deveríamos sair da universidade capacitados a formar estudantes da Educação Infantil e das Séries Iniciais. Movimentar-se, torna-se importante para compreender e trabalhar com o corpo poético e como a ferramentas de ensino que é. O conhecimento das potencialidades de expressão do corpo humano em relação à construção da aprendizagem possibilita um amplo conhecimento teórico e prático de temáticas que podem envolver uma complexidade de campos de atuação. A importância de vivenciar essas práticas corporais para potencializá-las durante o curso de graduação é essencial às práticas docentes futuras. Lutemos pelo aperfeiçoamento das novas Diretrizes Curriculares propostas ao nosso Curso de Graduação em Pedagogia da UFRGS.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória**. Uma Genealogia teológica da economia e do governo. Homo Sacer, II, 2. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2011b.

BERGE, Yvonne. **Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento**. 4ª ed. São. Paulo: Martins Fontes, 1988.

BRASIL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação física Brasília: MEC/ SEF, 1997.130p.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Minuta de Resolução de Diretrizes Curriculares da Pedagogia divulgada pelo Conselho Nacional de Educação. Brasília, 2005. Disponível em: <
<http://www.ufrgs.br/pedagogia/legislacao/diretrizes-curriculares-nacionais-para-o-curso-de-graduacao-em-pedagogia>> Acesso em: 10 mai. 2017.

DAMASIO, Anonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Carlos Tomaz Lilian G. Giugliano Universidade de Brasília. Estudos de Psicologia 1997, 2(2), 407-411 Resenha 407

DIRETRIZES NACIONAIS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA- Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FOCAULT, M. (1996). **Vigiar e punir: Nascimento da prisão** (14a ed., L. M. Pondé Vassallo, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1975) FONSECA, 2002.

GAI, Daniele Noal & FERRAZ, Wagner. **Parafernalias II - Currículo, cadê a poesia?**. Porto Alegre: Indepin, 2014.

GARBIN, Elisabete Maria. **Formação continuada de professores da educação básica**. In: Jaqueline Moll. (Org.) **Multiploas alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores**. Porto Alegre, Rs, 2005, v.,1-223.

_____, Elisabete Maria ; CORRÊA, Anderson Rodrigues ; MANSKE, George Saliba ; SANTOS, Lisiane Gazola ; PEREIRA, Angélica Silvana ; CAMOZZATO, Viviane Castro ; ROSSI, Rossana Cassanta ; DOEBBER, Michele Barcelos ; MARTINS, Débora Markus . **Identities Juvenis em Territórios Culturais Contemporâneos**. In: I MOSTRAUFRGS - Mostra de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005, Porto Alegre. I MOSTRAUFRGS - Mostra de Pesquisa e Pós-Graduação, 2005.

_____, Elisabete Maria; CAMOZZATO, Viviane Castro . **Narrativas sobre os sujeitos com corpos outros**. In: II Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação, 2006, Canoas - RS. Livro de Resumos do II Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação. Canoas - RS, 2006. p. 215-217.

_____, Elisabete Maria; PEREIRA, Angélica Silvana . **Paisagens Juvenis Urbanas: Identidades cambiantes nos movediços terrenos da cultura**. In: Teresinha Rodrigues de Oliveira; Cyntia Rúbia Braga Gontijo; Carmem Lúcia Freitas de Castro. (Org.). **POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDES: Contextos, percepções e desafios da práticas**. 1 ed. Barbacena/MG, 2010, v. , p. 31-54.

GATTI, Bernadete A. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. In.: **RBPAAE** – v. 28, n. 1, p. 13 – 34, jan/abr. 2012.

GEIS, Pilar Pont. **Atividade física e saúde**. 5ª edição, ARTMED editora, Porto Alegre, 2003.

GERHARDT, T. E. et al. **Métodos de pesquisa**. [Organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica–Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, José. **Movimento Total: O corpo e a dança**. São Paulo . Editora iluminuras. 2005.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. 5.ed. Edição organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978.

LECOQ, Jacques. **Lê Corps Poétique**. Paris: ACTES SUD, 1998.

LEVIN, Stevan. **O corpo ajuda o aluno a aprender**. Nova Escola. Rio de Janeiro: Editora Abril, n. 179, p. 20-22, Jan-Fev, 2005.

LEI DE DIRETRIZES BRASILEIRA. Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

LINO, Dulcimarta Lemos. Artigo: **Educação musical na formação dos cursos de Graduação em pedagogia Gaúchos: escuta e criação na experiência de barulhar**. Ano 2015.

MERLEAU-PONTY, M. (1984). **Sobre a fenomenologia da linguagem** (M. S. Chauí, Trad.). In M. S. Chauí (Org.), Maurice Merleau-Ponty: textos selecionados (pp.129-140). São Paulo: Abril Cultural. (Texto original publicado em 1960).

PEREIRA, SRC et all. **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. Revista Kinesis. Porto Alegre, n. 25, 2001.

RICHTER, Sandra Simonis; BERLE, S. **Pedagogia como Gesto Poético de Linguagem**. Educacao e Realidade, v. 40, p. 1027-1043, 2015.

STRAZZACAPPA, M. **A Educação e a Fábrica de Corpos: a dança na escola**. Caderno Cedes, Campinas, ano XXI, n. 53, abr./ 2001.

STOKOE, Patrícia & HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus, 1987.

TRAVERSINI, Clarice Salete [et al]. **Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental** [recurso eletrônico]– Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 238 p.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URÍA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 6. P 68-96, 1992.

VERDERI, EB . **Dança na escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

_____, EB .**Dança na escola: uma abordagem pedagógica**. São Paulo: Phorte, 2009.

UFRGS, Faculdade de educação. **Projeto pedagógico do Curso de Pedagogia**. Ano 2007. Disponível em: <://www.ufrgs.br/pead2014/documentos-do-curso/projeto-pedagogico-do-curso>. Acesso em: 10 mai. 2017.

WILSON, Suzy, FUSETTI, Giovanni. **The Pedagogy of the Poetic Body**. Padua , Italia 2000.

ANEXOS

Anexo 1- ENTREVISTAS: o corpo poético na universidade

O modo como foi conduzida a entrevista foi com uma proposta de conversa aberta para que fosse possível refletir sobre a temática de uma maneira mais livre sem muitas interrupções. Com base nas experiências de movimento do corpo dentro da universidade as perguntas elaboradas foram às seguintes:

As experiências de movimento do corpo presente nas discussões ao longo da trajetória da graduação adquirem movimento em sala de aula, em algum momento do curso? Como nossos corpos aprendem a se movimentar na universidade na teoria e na prática? Estamos realmente preparados para ao final da graduação trabalhar corporeidade com nossos futuros alunos em sala de aula?

Anexo 2- Conversa-Entrevista 1

Tempo de gravação: 02min34segundos...

Entrevistada: Cristina

Semestre: 8°

Local da entrevista: DAFE UFRGS

Data da entrevista: 13 de Junho de 2017

Hora da entrevista: 15h31min

“Aqui na nossa faculdade, a maioria das cadeiras, 90 % a gente fica sentado o tempo todo apenas aprendendo a teoria de como fazer, somente nas cadeiras de música e teatro que os professores estimulavam o movimento. Mas o que eu consegui ver assim, a partir de tudo, como exemplo também, cadeiras que falam sobre isso, mas que não sai do diálogo. Não se faz nada... posso até citar a cadeira de educação saúde e corpo, uma ótima disciplina, porém faltaram algumas práticas durante o semestre. O corpo cansa não é possível ficar tantas horas assim prestando atenção em tudo que a professora ou o professor diz... até discutimos em alguns momentos do curso a importância de se trabalhar o corpo, mas na prática não se fizeram tão presentes assim, Essas experiências de corpo me mostraram que se nós não aguentamos ficar 4 horas sentados em uma cadeira imaginamos as crianças, nossos alunos, então... essas cadeiras me fizeram pensar e perceber que é preciso explorar os movimentos, dentro da academia, da universidade aprendizagem é fazendo, experimentando. Aprendemos a teoria, na maioria das vezes, a teoria ficam lacunas a serem preenchida na parte prática. Sabemos que a teoria deve ser aliada a prática. Acho que não me sinto totalmente preparada para isso, pois não tenho essas experiências de corpo tão afloradas em mim.. nenhum pouco... porque dentro da faculdade, por exemplo, as minhas aulas não são direcionadas a fazer isso, essa parte prática. As aulas de Brincadeira (jogo e educação) me trouxeram alguma coisa a mais, mas trabalhar isso em sala de aula com crianças que querem se movimentar o tempo todo e tu ainda tem que executar o teu plano de aula é muito complexo e saber como aliar isso é mais complexo ainda, porque o professor muitas vezes tem medo de deixar as crianças brincarem e ficarem muito agitadas ao ponto de não conseguirem após essa sequência de brincadeiras perderem o foco, não prestarem mais atenção na aula. Então tem um movimento contrário ao que planejamos, deixamos elas brincar o tempo todo, porque

percebe-se que elas não conseguem mais prestar atenção...Então meça isso a gente não aprende na faculdade, espero na verdade que com o tempo eu seja capaz de fazer isso.”

(Conversa Entrevista 1, 2017, 8º Semestre).

Anexo 3- Conversa-Entrevista 2

Tempo de gravação: 02min34segundos

Entrevistado: John

Semestre: 8º

Local da entrevista: corredor da FACED

Data da entrevista: 23 de junho de 2017

Hora da entrevista: 14h23min

“As minhas experiências com o corpo na universidade foram... Bom, a primeira coisa que me veio a cabeça quanto tu fez essa pergunta, colou essa temática foi quando na disciplina de teatro agente teve várias experiências de corpo e mente, além de problematizar isso na teoria também trazia atividades para prática. Então eu sei que agente fez uma s atividades do com som e corpo e depois tínhamos que reproduzir no papel, que também eram ideias para aplicarmos na prática, em sala de aula, eram coisas que eu me lembro bem forte. Na disciplina de Música Também agente dançava , fazia interpretações sons batidas ., enfim... eu lembro que quando agente resgatou o histórico de Porto alegre, a gente trouxe a questão da Música disso e apresentamos, foi bem bacana. A disciplina de Ciências naturais também tivemos muitas experiências do lado de fora, coletando materiais, mexendo em nenhum momento ficamos sentados nas aulas, as aulas eram em pé fazendo “linha do tempo” , comendo, experimentando era de fato experiência na aula de ciências, bastante movimento com o corpo. Tivemos disciplinas muito monótonas que tivemos que ficar sentados, apenas ouvindo o professor, algumas filosofias, sociologias, em fim Acho que a questão de disciplinas que permitiam mais isso. A disciplina de ciências sócio históricas agente também teve a experiência de deitar no chão de ver como era nosso corpo...dessas coisas.. é importante utilizar o corpo como um potencializador da aprendizagem, é importante e fundamental, ainda mais nós que estamos nos tornando professores, quanto mais nos movimentamos e experimentamos os espaços, conseguimos propor isso em nossas práticas, porém ainda não me sinto totalmente apta para trabalhar com questões mais aprofundadas sobre o corpo” . (Conversa Entrevista 2, 2017, 8º Semestre).

Anexo 4- Conversa-Entrevista 3

Tempo de gravação: 2min48segundos

Entrevistada: Elisa

Semestre: 5º

Local da entrevista: Pátio da FACED

Data de entrevista: 13 de junho de 2017.

Hora de entrevista: 11h

“Bem, eu sou de outra geração onde a música e o movimento eram abordados mais tênue e menos em sala de aula, sou filha de um radialista e vivenciava isso mais em casa. Sou da época que a dança e a música serviam para acalmar o corpo, a mente, o coração e não colocavam eles em movimento, eram utilizados para nós crianças ficarmos mais calmas. Essa vivências dentro da universidade está sendo tudo novo para mim e muito gratificante poder interferir nesse projeto de construção dessa nova educação que usa não só as expressões e o conhecimento mas que usos todo nosso corpo, o barulho que somos capazes de fazer, ou ruídos que a gente ouve isso é uma experiência muito rica. Sobre a questão de estarmos preparados para propor atividades que movimentem o corpo de nossos alunos, acredito que ainda não estamos totalmente prontos, precisamos de mais disciplinas que nos possibilitem isso, como por exemplo a disciplina de música com a professora Dulci, nossa ela nos possibilita experimentar estou vivenciando tudo isso e é incrível... as propostas de movimento, cantar dançar mexer o corpo isso transforma, e transforma para algo bom algo melhor, e isso é muito importante, se permitir.” (Conversa Entrevista 3, 2017, 5º Semestre).

Anexo 5- Conversa-Entrevista 4

Tempo de gravação: 02min8segundos

Entrevistada: Danubia

Semestre: 8°

Local da entrevista: Corredor da FACED

Data da entrevista: 13 de Junho de 2017

Hora da entrevista: 11h30min

“Bah já faz um tempo me deixa pensar...hummmmmmmmm, o que eu me lembro durante o curso com o que foi feito em relação ao corpo e ao movimento, foi na disciplina de música que tínhamos vários momentos de movimento, trabalhamos ritmo compasso e esse foi um momento que foi bem marcante nas minhas práticas, em outro momento foram nas aulas de teatro tínhamos muitas atividades lúdicas que contribuíram muito, assim, para o meu estágio. Sobre o movimento na teoria e prática aqui na UFRGS acho que esses dois momentos, que eu citei antes foram o que mais me marcaram pois não ficamos o tempo todo sentados, era uma proposta diferente, além de conseguir compreender que estava sendo proposto na teoria e prática sabe, acho que os dois em conjunto tornou tudo mais fácil a compreensão como um todo. Então compreender o que está escrito na teoria e executar isso na prática torna uma experiência muito mais rica. E eu acho que estar preparado para ao final da graduação trabalhar com a corporeidade dos nossos, alunos...bom nesses aspectos acho que em partes, em pares sim e em partes não... agente tem uma bagagem teórica que é muito maior que a prática e eu acho que é preciso reverter isso, é minha opinião.” (Conversa Entrevista 4, 2017, 8° Semestre,).

Anexo 6- Conversa-Entrevista 5

Tempo de gravação : 2min20segundos

Entrevistada: Marina

Semestre: 7º

Local da entrevista: Pátio da FACED

Data da entrevista: 14 de Junho de 2017

Hora da entrevista: 10h30min

“Com base no que já presenciei aqui dentro da universidade, a minha experiência com o corpo dentro da universidade foi em umas 3 ou 4 cadeiras, que eu me lembre, a primeira foi em jogo no primeiro semestre que nos mexíamos bastante tínhamos que descobrir o nosso corpo e mover ele em sincronia com os nossos colegas, isso eu levei para um grupo de voluntariado que participava e utilizei essa prática com as crianças. Outra proposta com o corpo foi na cadeira na educação saúde e corpo onde tivemos uma percepção de pensar sobre questões de saúde do corpo, que trouxemos para sala de aula, fazíamos trabalhos sobre o corpo mas não vivenciávamos totalmente o corpo, era uma cadeira mais teórica, poderia ter mais práticas. Em teatro sempre movimentávamos o corpo, eu não gostava muito desta disciplina, mas era uma das disciplinas que nos movimentamos bastante. Acho que em relação sobre teoria e prática poderia citar como exemplo essa cadeira de saúde e corpo, embora ela aparentemente seja de compreender o corpo, compreendíamos o corpo mais na teoria do que na prática. Vendo esse contexto, acredito que ainda não estamos ainda realmente preparados para lidar com o corpo, assim de forma global, esse conjunto de teoria aliada à prática porque são muitas poucas disciplinas que tratam sobre isso.” (Conversa Entrevista 5,2017, 7º Semestre).

Anexo 7- Conversa-Entrevista 6

Tempo de entrevista: 01min12segundos

Entrevistada: Larissa

Semestre: 8°

Local da entrevista: DAFE UFRGS

Data da entrevista: 13 de junho de 2017

Hora da entrevista: 16h

“Então... eu me lembro de que no primeiro semestre eu me lembro de jogo e educação, tenho muitas lembranças, atividades de movimento de dança de brincadeiras, algumas em roda também... isso proporcionava uma grande desenvoltura do corpo, se movimentava bastante , foi uma das disciplinas que me proporcionaram mais essa interação mais corporal esses jogos que a professora proporcionava mexiam muito com a gente e mexia muito conosco eram divertidos e foi a disciplina que mais conseguimos aplicar nas práticas. As disciplinas mais teóricas os professores nunca se preocuparam em fazer a gente se movimentar, com desenvoltura corporal , atividade que pudessem nos relaxar ou se movimentar mesmo durante aquela aula de manhã. É um tempo de muito cansaço principalmente nas disciplinas de manhã toda é incomodo ficar sentada por muito tempo sem se movimentar. As outras profes poderiam explorar mais por parte delas essas questões de movimento. Acho que não me sinto preparado para trabalhar com esses corpos, pois que temos posto em prática sobre isso não é o suficiente.” (Conversa Entrevista 6, 2017, 8° Semestre).

Anexo 8- Conversa-Entrevista 7

Tempo de entrevista: 04min10segundos

Entrevistado: Aline

Semestre : 6°

Local da entrevista: Laboratório FACED

Data da entrevista: 13 de junho de 2017

Hora da entrevista: 12h30min

“ Bom nessa questão assim... posso dizer que sempre fui uma das alunas bem tímidas em sala de aula eu nunc gostei de me expor, nem gosto ainda... e eu percebi que nessas cadeira mais dinâmicas mais corporais eu me sentia mais a vontade as disciplinas que me deixavam mais a vontade nessa questão foi a de jogo e educação da professora Tania Fortuna, onde ela ensinava várias técnicas de jogo, vários jogos também que podíamos utilizar com várias turmas de diferentes idade... quando a gente participava eu ia me sentindo a vontade porque não era tão formal...nos deixava mais abertos para se manifestar corporalmente... Me lembro de vários momentos, as musicas, as brincadeiras para fazermos com os alunos... Ao longo do semestre de vários professores que nos fizeram movimentar durante o semestre, mas principalmente na disciplina de jogo e educação, a disciplina tinha muitas atividades lúdicas e brincadeiras que depois foram utilizadas no estágio com os meus alunos, que trabalhei na educação infantil e isso me ajudou bastante nas metodologias, na forma de relação entre eu e meus alunos em sala de aula. Essa cadeira me ajudou bastante, sempre fui muito tímida , nunca gostei de me manifestar dentro da sala de aula, mas a partir dessas brincadeiras que a professora propunha consegui me soltar mais e isso me ajudou nas minhas práticas com os alunos. Não só essa cadeira, teve uma outra também...nos semestre seguintes tivemos também o teatro com o professor Sergio Lukin, onde agente fez também vários trabalhos envolvendo a corporeidade e foi bem legal, fazíamos exercícios e foi uma experiência bem legal mesmo. Teve um semestre também de música com a professora Maria Leda, foi bem legal também ela trabalhou muito as músicas com nós, ela nos ensinou dança, uma aula que eu me sentia à vontade . ela trabalhou músicas e cantava conosco, músicas para trabalhar com diferentes faixas etárias e diversas modalidades... essas coisas ainda contribuem na minha trajetória

como educadora... a partir dessas aulas dos professor que conseguiram unir a teoria e a prática. É importante sim, o que aprendemos nessas aulas mais teóricas a gente tem que usar, mas essa prática como vemos como funciona é bem diferente e com certeza vai nos ajudar como educadores no futuro eu gosto de pensar que isso faz diferença, fez na minha trajetória tanto aprendendo quanto ensinando isso que eu levei, e também me ajudou com os meus alunos, eles se sentiram mais à vontade eu me sinto meio desconfortável enquanto propor essas vivências de corpo, pois não tenho muita experiência com isso, porém estou buscando pelo menos tentar passar para meus alunos o que estou vivenciando dentro da universidade.” (Conversa Entrevista 7, 2017, 6º Semestre,).